

## Resenha

GORZONI, Priscila de Paula. Os mascarados das Folias de Reis: uma análise das máscaras da Companhia Santa Cecília, de São Caetano do Sul no ABCD paulista, e da Companhia da Serraria, de São Thomé das Letras, no Sul de Minas Gerais (2009-2912). Dissertação (mestrado em Ciências da Religião), PUC-SP, São Paulo, 2014.

### **Máscaras que desafiam o tempo. Folias de Reis em São Thomé das Letras no sul das Gerais e em São Caetano do Sul no ABCD paulista**

*Ênio José da Costa Brito\**

“A máscara tem muitos mistérios e o maior deles é o marungo que está por trás delas”.

(Marungo Wagner Ferreira, p. 91)

“Ela [a máscara] é a essência da Folia de Reis”

(Priscila de Paula Gorzoni, p. 98)

Priscila de Paula Gorzoni, em sua dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, realiza um amplo estudo das relações entre tradição e modernidade na cultura popular<sup>1</sup>, presentes nas Folias de Reis, considerada pelos estudiosos da cultura nacional como uma das manifestações culturais mais típicas do Brasil, presente do norte ao sul do país.

A dissertação é fruto de diligente, criativa e minuciosa pesquisa realizada pela autora, que oferece um importante veículo de compreensão, entendimento e reflexão sobre essa prática cultural brasileira de importante significado religioso, estético e social.

O fato de Gorzoni ter adotado a “observação participante”, acompanhando *in loco* todo o Ciclo das Folias de Reis por anos a fio, possibilitou a ela ver em profundidade as especificidades das Folias. Digno de nota a preocupação de situar as Folias de Reis no meio ambiente em que se acham inseridas e no contexto mais global.

---

\* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Professor no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP. E-mail: [brbrito@uol.com.br](mailto:brbrito@uol.com.br)

Ao analisar as Folias de Reis, realiza dois movimentos complementares, “de fora para dentro” e “de dentro para fora”, sendo levada imperceptivelmente a fazer-se presente tanto no “mundo da casa” das Folias, como no “mundo da rua”. Entende-se, então, o cuidado de ter sempre presente a relação entre o “pedaço” festivo da Folia de Reis e a sociedade global.

Revisito o texto de Priscila Gorzoni, com uma intenção bem definida: identificar o conteúdo central dos capítulos, tecer breves pontuações e apontar tópicos para uma reflexão do leitor.

### **Primeira aproximação**

O texto introdutório contextualiza bem o objeto de pesquisa e o trabalho artístico da autora, explicita as questões e os objetivos da pesquisa. “Investigar como as máscaras atuais, vindas de uma cultura tradicional, são assimiladas, absorvidas com a utilização de novos materiais e performances” (GORZONI, 2014, p.18)<sup>2</sup>. A própria autora precisa um pouco mais afirmando que: “a pesquisa pretende compreender o significado do ritual da Folia de Reis, por meio de um de seus símbolos mais tradicionais: as máscaras (Cf. p.16). Símbolo instigante, mas ainda, pouco estudado.

No percurso, não deixa de apontar para questões que preocupam todos os que estudam as manifestações culturais populares: a diuturna desconstrução do popular, o fato do campo da cultura ser um campo de lutas, na expressão de Clifford Geertz é uma “arena de lutas”<sup>3</sup>.

O que mais me chamou atenção na *Introdução* (p. 11-23) foi o perfil epistemológico, que se fez presente transversalmente no texto, tanto em relação à cultura popular quanto à experiência estética. A linguagem narrativa do texto e o caráter mais noticioso do que analítico acaba escondendo esta dimensão, que merece ser explicitada.

Com relação à cultura popular, Gorzoni enuncia princípios que devem ser levados em conta quanto se estuda a cultura popular: esta deve ser compreendida nas suas relações com a sociedade global, não se pode isolar uma prática popular para analisá-la; as manifestações populares são dinâmicas, muitas vezes ambíguas, atravessadas por relações de poder e cada comunidade é única e só é compreendida dentro de sua estrutura particular. Princípios

norteadores, para os que querem mergulhar no mundo popular, mundo muito pouco conhecido, por sinal.

Com relação à dimensão estética, chamo atenção para a própria noção de *experiência vivida*, experiência reveladora do quanto somos atingidos por ela e do quanto ela nos transforma. Assim, as Folias de Reis e as máscaras interromperam as narrativas do mundo artístico da autora, possibilitando a ela encontrar algo além daquilo que se fazia presente no início de sua jornada. A experiência histórica e corporal feita pela autora, ao longo dos anos de pesquisa, propiciou a ela uma compreensão densa do que viu nas Folias de Reis e nas Máscaras.

Muito interessante na *Introdução* a análise etimológica da palavra Marungo ou Malungo (cf. p.14-15), visando explicitar o riqueza do seu conteúdo. Ao concluir a análise relembra que “a palavra era usada pelos negros que vieram para o Brasil no tráfico negreiro” (p. 15). Pontuação que convida a enriquecer um pouco mais as explicações dadas, pois para os falantes de Kikongo, Kimbundu e Umbundu, malungo não teria apenas o significado de “*meu barco*” e por extensão, de “*camarada da mesma embarcação*”, carrega ainda o significado cosmológico de “*companheiro na travessia da Kalunga*”, portanto traz no seu bojo uma associação com a morte. Significado, que dá margem para se pensar sobre a transformação que ocorre com o Marungo, que no final da performance deixa de ser do mal e passa a ser do bem. Tem-se nesta passagem uma morte simbólica muito significativa.

Um tema que emerge já na leitura da *Introdução* é o da “visualidade”, isto é, como o olhar da autora percebe e atribui significado ao visível, no caso as Folias de Reis e as Máscaras. Na atribuição de sentido, por parte da autora, temos a convergência de vários elementos, a sua cultura, a sua episteme, o seu imaginário e a experiência vivida, todos eles cada um a seu modo deixam marcas na visualidade da autora, mas a experiência vivida é determinante.

Ao buscar a compreensão das máscaras, Gorzoni, gradualmente, explicitou que elas contam uma história visual não apenas da percepção de quem as confeccionou, mas também relatam a história de tensões e re-existenciais de culturas.

O leitor toma logo conhecimento que um dos desafios da pesquisadora é o de ver as máscaras, como uma fonte para uma dada maneira de produzir e

atribuir sentido ao mundo, isto é, o desafio de compreender as máscaras como a presença de uma sensibilidade vivida e local, portadora e reveladora de um mundo diferente do nosso.

A sensação, que acompanha o leitor ao finalizar a leitura do texto introdutório, é a certeza de que Gorzoni, adquiriu ao longo da pesquisa uma conaturalidade efetiva e afetiva com o seu objeto de estudos: as Folias de Reis e as Máscaras.

### **Segunda aproximação**

No capítulo segundo, intitulado, “*Festa de Reis: a fé nos Santos Reis*” (p. 24-42) “aborda o conceito das festas das Folias de Reis, seus significados, sua origem e como e quando acontecem no mundo e no Brasil” (p. 22). No bojo desse movimento apresenta, também, ao leitor as Companhia Santa Cecília de São Caetano do Sul e a Companhia da Serraria de São Thomé das Letras, com suas semelhanças e diferenças. Para a autora, “o ritual é o mesmo, o significado estrutural, social e cultural distinto” (p. 41).

Uma expressão das mais significativas, presentes no capítulo é, “cantavam reis”, para todos que tiveram oportunidade de participar dessas manifestações na infância, a expressão está incrustada na memória afetiva. Traz de volta mistérios, temores, sonhos e surpresas.

Encontramos, ainda, outras duas ideias fortes. Na primeira, apresenta a festa da Folia de Reis como mediadora entre culturas. Nas palavras da autora; “As festas de Folias de Reis, tanto nas sociedades antigas como nas contemporâneas, possuem papéis fundamentais e auxiliam na mediação entre as culturas estabelecidas e as que se estabelecem” (p. 28). Dado que pode ser observado facilmente em São Caetano do Sul. A cidade tem como mito fundante a migração italiana. O que levou a uma marginalização das práticas culturais de matriz brasileiras. A presença da Folia de Reis, trazida por famílias que vieram do Sul de Minas, acabou por criar caminhos integrativos entre a população das áreas centrais e da periferia da cidade.

Portanto, para Gorzoni as festas de Folias de Reis se apresentam com forte potencialidade para serem mediadoras culturais. O encontro cultural possibilita

o diálogo, mas pode gerar tensões, transformar-se em espaço de reivindicação, dimensões muito bem lembradas no texto:

As festas de Folias de Reis possibilitam aos grupos sociais o confronto de prestígio e rivalidades bem como a exaltação de posições e valores, de privilégios e poderes. Elas podem também ser entendidas como um ‘espaço para a revolta ritualizada, território de símbolos que anunciam a insatisfação social (p. 28).

Na segunda aponta para uma das muitas possibilidades de se compreender a cultura popular. Vê-la como um espelho da vida social, dos conflitos, das resistências e dos processos de absorção de práticas culturais.

A dimensão religiosa, razão de ser desta prática cultural, ficou um pouco na sombra, talvez uma maior explicitação da mesma leve o leitor a perceber a importância da mesma para os que “cantam reis”. O realce desta dimensão ajudaria a afastar uma ideia tão presente em muitos estudiosos, que vêem as Folias como uma brincadeira, um folguedo.

### **Terceira aproximação**

Em *O marungo: um ser liminar* (p. 43-74), Gorzoni responde bem a questão: Quem é o homem que usa a máscara nas Folias de Reis? Pois, “para entender a máscara, que é o meu objeto de pesquisa, é necessário compreender quem a veste e em que contexto ela é usada” (p. 22). Assim, busca as suas origens remotas e pergunta pelo seu papel social.

O capítulo traz informações preciosas sobre os marungos ou bastiões, “figura intrigante, astuta, símbolo transgressor, anjo, demônio e até sacerdote do riso” (p. 46). Um dos caminhos para compreendê-los é estudar o seu ritual,

pois é exatamente na sua forma de se movimentar, dançar, se expressar que está um pouco de como essa sociedade resiste, vive seus conflitos, se mantém, se reconhece e se identifica. Podemos pensar nos marungos como o interno do espelho dessa comunidade (p. 66).

Mas para que isto aconteça, eles devem passar por um processo de transformação, que os leva verem-se como um outro. “Nesse ‘outro’, eles demonstram todo o conflito social dessa comunidade, as desigualdades e as contradições” (p. 44).

A figura dos marungos traz consigo traços indígenas, africanos e europeus. Tanto na cultura africana, como a indígena o uso de máscaras era e é freqüente. Gorzoni relembra bem que no personagem marungo encontramos um “gestual e danças que lembram muito os ritos dos Orixás” (p. 45), relembra, ainda, acertadamente que, “na cultura africana, o corpo se comunica, ele carrega a história, a memória da coletividade...é com o corpo que esse personagem fala” (p. 45-46).

Antonacci<sup>4</sup> explicita a importância do corpo, com particular ênfase no corpo afro:

Conjugando corpo, música, cantos, sons murmurados desde os tumbeiros, seus universos culturais esparramaram-se pelas Américas, associados a gestualidades em resistências na esteira do *sulco deixado pelo navio*, E o ritmo que elaboraram sobreviveu à plantação escravagista por razões econômicas: inicialmente interdito, o tambor foi integrado e perdurou porque o senhor percebeu favorecer a produtividade (2014, p. 10)<sup>5</sup>.

Não é só o corpo individual, mas o corpo coletivo, que muitos estudiosos tem dificuldade de perceber. No entanto, basta pensar nas rodas, tantas rodas, roda de samba, roda de capoeira, roda de gafeira e rodas nos rituais religiosos<sup>6</sup>.

Os viajantes, que passaram pelas grandes cidades brasileiras no século XIX, ficavam sempre impressionados com grupos de escravizados que transportavam mercadorias, cantando ou assobiando<sup>7</sup>.

Um francês informou que grupos desses homens[escravos], geralmente da mesma região da África, trabalhavam juntos, ‘formando uma espécie de sociedade’; eles ‘se reuniam nas esquinas de algumas ruas, aguardando o momento de ser fretados’, apropriando-se desse pedacinho de espaço público (Graham, 2014, p. 44).

#### **Quarta aproximação**

*Máscaras: objetos de memória* (p. 75-113) é o último movimento realizado pela autora para revelar toda a riqueza antropológica-cultural e religiosa, que envolve as máscaras em geral e as da Folia de Reis, em particular, deixando claro a natureza, as características e principalmente as funções das máscaras.

Ao estabelecer ao longo do texto um diálogo com as matrizes culturais portuguesas, indígenas e africanas lembrando que: “as máscaras das Folias de

Reis sofrem influências principalmente das máscaras presentes nas festas portuguesas e também das expressões dos indígenas e africanos” (p. 86), convida o leitor a aproximar-se das dimensões arquetípicas, que se fazem presentes nas máscaras. Máscaras, como a autora diz muito bem, combinam dados míticos, funções sociais, religiosas e expressões plásticas (p. 90).

Vale a pena, explicitar uma ideia presente nas entrelinhas do texto: as máscaras não são só uma recriação do passado, mas podem ser vistas como iluminadoras do presente. Na análise, a autora opta por ler as máscaras como expressão de uma multiplicidade de significações. Esta opção teórico-histórica fica ainda mais nítida, quando mediante a reconstrução de uma narrativa descontínua, procura através dos “resíduos do passado” vale lembrar que para Raymond Williams<sup>8</sup>, “resíduo” é algo efetivamente formado no passado, mas como efetivo do presente (p. 62), oferece um mapa alegórico da sociedade e das pessoas que nela vivem. Na perspectiva de Walter Benjamin<sup>9</sup>, a autora retira as máscaras do seu significado unívoco e as abre para uma série de correspondências.

Penso ser possível, com um pouco de cuidado evitar um ruído numa passagem do texto. Nela faz referencia a “religiões animistas” no mundo afro.

As principais funções de uma máscara, inclusive as de Folia de Reis, são: disfarce, símbolo de identificação, esconder revelando, transfiguração, representação de espíritos da natureza, deuses, antepassados, seres sobrenaturais ou rosto de animais, participação em rituais (muitas vezes presente, porém sem utilização prática), interação com dança ou movimento (*fundamental nas religiões animistas*), e mero adereço (p. 76). (Realce do autor)

É preciso ter cuidado ao usar o rotulo de “religião animista”, há muito de preconceito imbutido neste uso. Nas culturas africanas e afro-brasileiras se realizam sofisticados intercâmbios com a natureza, que possibilitam, por exemplo, incorporar a força e a sagacidade do animal, o que marca distância do totemismo, animismo fetichista ou primitivismo<sup>10</sup>.

O mesmo cuidado se deve ter, como observou com acuidade Alberto Tsuyoshi Ikeda na argüição, com o uso do termo folclore, que vê estas práticas culturais, como manifestações lúdicas e algumas vezes exóticas. Resquício de uma visão do final do século XIX, quando a mentalidade capitalista voltada para uma exacerbada valorização do trabalho, não via com bons olhos certas práticas

sociais, que distanciavam as pessoas do trabalho. Os folcloristas, preocupados com manifestações culturais que não encontravam lugar no espectro social, as catalogaram com lúdicas, o que acabou negando a força social e religiosa das mesmas.

Numa nota de rodapé, que pode ser incorporada no texto, sinaliza na direção que acima apontamos com relação ao animismo das religiões afro:

Os mais antigos documentos deixados pelo homem, como, por exemplo, as gravuras e pinturas rupestres da Idade da Pedra, já mostravam cenas representando caçadores mascarados com cabeças de animais. É provável que o homem primitivo recorresse à imagem dos animais para ter sucesso na caça, atividade fundamental na sobrevivência do grupo. A qualidade mágica desse coloca em relevo a importância da máscara como *elemento catalisador de forças misteriosas que o homem pode captar e utilizar com finalidades práticas* (p. 77). (Realce nosso).

Gorzoni, no *Anexo A*, apresenta belas fotografias de sua autoria, que dão suporte as reflexões apresentadas não só, em *Máscaras: objetos de memória* (p. 75-113), mas a outras passagens da Dissertação. Pode mudar o título, em vez de *Anexo A* colocar *Caderno Iconográfico*, este corresponde mais ao papel que as imagens desempenham no texto. Digo mais, numa futura publicação, o *Caderno Iconográfico* deve ser colocado no meio do livro. Nesta posição, iluminará tanto os dois capítulos introdutórios como os dois outros.

A autora, tendo presente a cultura material e a sua relação com o espaço, tempo e o caráter social dos objetos (p. 108), debruça com frequência sobre o caráter social das máscaras e deixa um pouco na sombra a relação com o espaço e o tempo. No entanto, aqui e ali faz indicações preciosas que mereceriam serem ampliadas. A título de exemplo lembramos: “A máscara está no “entre lugar”, a máscara está no meio (p.98)” e máscaras carregam um tempo mítico, ancestral, participam de um tempo histórico (p.108).

Uma função das máscaras, muito explicitada no capítulo é a pedagógica:

Ao que tudo indica, o primeiro elemento motivador das máscaras é uma exigência mágico-religiosa ligada às necessidades da vida cotidiana. Esse elemento é perceptível na Folia de Reis, na qual a máscara é uma representação de uma alegoria católica popular, que se faz necessária durante as festividades natalinas, já que congrega todo o conflito dessa comunidade em torno do evento e tem também um caráter catequizador, de ensinar o nascimento de Jesus por meio da manifestação (p. 77).

### **Pontuação final**

Para quem durante anos acompanhou de perto as Folias de Reis, ao relembrar das performances dos Marungos, concorda com Raymond Williams que afirma:

(...) parece claro que o ritmo é uma maneira de transmitir uma descrição de experiência de tal modo que a experiência é recriada na pessoa que a recebe não simplesmente como uma “abstração” ou emoção, mas como um efeito físico sobre o organismo- no sangue, na respiração, nos padrões físicos do cérebro-, um meio de transmitir nossa experiência de modo tão poderoso que a experiência pode ser literalmente vivida por outros (Williams *apud* Antonacci, 2013, p. 136)<sup>11</sup>.

Priscila Gorzoni, no seu texto deixa claro que a Folia de Reis não pode ser compreendida como remanescente, como sobrevivência. Era e é vivida, insere-se neste sentido no cotidiano das populações. As Folias de São Thomé das Letras e a de São Caetano do Sul no ABCD comprovam bem esta dinâmica, são vivências e vivências com profundas marcas religiosas. É na tensão entre o múltiplo e o uno, entre o transitório e o vivido que as Folias devem ser compreendidas e admiradas.

### **Bibliografia**

- ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: Educ, 2013.
- BENJAMIN, Walter. *A origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRITO, Ênio José da Costa. O pilar de um novo mundo no Atlântico: o navio negreiro. In: *REVER*, ano 12, nº1, Jan/jun 2012, p. 263-270.
- BRITO, Ênio José da Costa. Memórias ancoradas em corpos negros. Notas introdutórias para a leitura da obra. In: *Anais do Congresso Internacional da SOTER*, Belo Horizonte: SOTER, 2013, p. 1537-1548. [e-book]
- GEERTZ. Clifford. *A interpretação da Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- TAUNAY, Hippolyte; DENIS, Ferdinand. *Le Brésil, ou histoire, moeurs, usage et coutumes des habitants de ce royaume*. Paris: Nepveu, 1882. 6v.
- GRAHAM, Richard. *Alimentar a cidade*. Das vendedoras de rua à reforma liberal (Salvador, 1780-1860). São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- Rediker, Marcus. *O navio negreiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas: Editora da UNICAMP/CECULT, 2001.

SOARES, Carlos Eugênio Libano. *A negrada instituição. Os capoeiras na Corte Imperial. 1850-1890*. Rio de Janeiro: Access Editora, 1999.

WILLIAMS, Raymond. *The long revolution*. Cox & Wyne, 1961.

---

<sup>1</sup> Dissertação intitulada, *Os mascarados das Folias de Reis: uma análise das máscaras da Companhia Santa Cecília, de São Caetano do Sul no ABCD paulista, e da Companhia da Serraria, de São Thomé das Letras, no Sul de Minas Gerais (2009-2012)*. A dissertação foi defendida em 21 de março de 2014, a banca composta pelos professores doutores Fernando Torres Londoño (orientador), Alberto Tsuyoshi Ikeda e Ênio José da Costa Brito.

<sup>2</sup> Nas citações passaremos a indicar apenas a página da Dissertação.

<sup>3</sup> Clifford GEERTZ. *A interpretação da Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

<sup>4</sup> Cf “A subliminar arte da memória negra em diáspora”, texto inédito a ser publicado na segunda edição de *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: Educ, 2013. Antonacci na esteira da Teoria pós-colonial vem resgatando saberes e fazeres afro-brasileiros. Para uma visão global do livro, ver Ênio José da Costa BRITO. “Memórias ancoradas em corpos negros”. Notas introdutórias para a leitura da obra. In: Anais do Congresso Internacional da SOTER, Belo Horizonte: SOTER, 2013, p.1537-1548. [e-book]

<sup>5</sup> Sobre a formação de “comunidade em formação a bordo do navio negreiro”, ver Marcus REDIKER. *O navio negreiro*. Para uma visão de conjunto do livro, ver Ênio José da Costa BRITO. O pilar de um novo mundo no Atlântico: o navio negreiro. In: REVER, ano 12, nº1, Jan/jun 2012, p. 263-270.

<sup>6</sup> A capoeira esteve presente nas grandes cidades, em especial no Rio de Janeiro, ver Carlos Eugênio Libano SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas: Editora da UNICAMP/CECULT, 2001 e *A negrada instituição. Os capoeiras na Corte Imperial. 1850-1890*. Rio de Janeiro: Access Editora, 1999.

<sup>7</sup> Hippolyte TAUNAY; Ferdinand DENIS. *Le Brésil, ou histoire, mœurs, usage et coutumes des habitants de ce royaume*. Paris: Nepveu, 1882. 6v.

<sup>8</sup> Raymond Williams. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

<sup>9</sup> Walter BENJAMIN. *A origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Basiliense, 1984.

<sup>10</sup> Maria Antonieta ANTONACCI. *Memórias ancoradas em corpos negros*. São Paulo: Educ, 2013. Ver em especial o capítulo intitulado “Corpos sem fronteiras”, p. 107-147. “Pelos indícios pontuados, apreende-se que povos de culturas africanas não representam seus corpos como o de animais, nem os idolatram. Torna-se perceptível que vivenciam- em seus corpos e imaginário- incorporações de traços, forças e astúcias de animais potencializando patrimônios do reino humano. Estar em ou vestir pele de animais significa empoderamento, transbordar o corpo, impregnando-o de recursos e artimanhas do reino animal” (cf. p. 137).

Num texto inédito, intitulado, *Animistas/fetichistas? Dizem eles*, amplia a reflexão sobre o tema. Texto a ser incorporado na segunda edição de *Memórias ancoradas em corpos negros*.

<sup>11</sup> Cf. Raymond WILLIAMS. *The long revolution*. Cox & Wyne, 1961.

Recebido em 07/05/2015, revisado em 13/05/2015, aceito para publicação em 17/05/2015.